



# IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

“Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

## CONTRIBUIÇÕES DA LUDICIDADE NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR SENSÍVEL NUMA PERSPECTIVA HUMANIZADORA

Débora Cristiane Carvalho SOUZA (UFMS/CPAN)

Leandro Costa VIEIRA (UFMS/CPAN)

Eixo temático 2 : Formação Inicial de Professores

### RESUMO:

Diante de um mundo globalizado em que as informações são geradas em segundos, nos deparamos com a consequência do conforto imediato, relacionamentos frios e distantes. Percebemos que a frieza e a rigidez são reproduzidas na escola em forma de uma educação para resultados imediatos gerando um ambiente escolar desconfortável com professores rígidos e alunos desmotivados, gerando um contraditório, já que em meio as superficialidades a escola deveria trazer o que há de mais profundo em termos de conhecimentos e vivências. Em face disso, esse estudo traz uma reflexão a cerca da formação docente e da educação do sensível, com o objetivo de investigar as contribuições da ludicidade na formação desse professor mais humanizado que contribui para o desenvolvimento inteiro e pleno do educando, que compreenda que a aprendizagem envolve o intelecto e a emoção. Verificar como práticas lúdicas pode além de formar vínculos afetivos, proporcionar um ambiente agradável para um aprendizado significativo. Esse texto é um recorte de uma pesquisa mais ampla, com aspectos qualitativos, que buscou através de entrevistas semiestruturadas com sujeitos que se encontram em processo de formação inicial, juntamente com referenciais teóricos a relevância de uma formação lúdica e sensível que prepara o professor as diferentes realidades que se apresentem que os capacitam a uma prática de aproximação e afetiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação docente. Educação do sensível. Ludicidade.

### Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo investigar as contribuições da ludicidade na formação de um pedagogo (a) mais sensível ao outro. Uma reflexão sobre a formação do sujeito que se constitui técnica, social e sensivelmente para a constituição de outros sujeitos numa perspectiva lúdica e sensível.

A correria do dia a dia, a busca pelo sucesso, a competitividade desenfreada tem tornado os relacionamentos cada vez mais frios e superficiais, não se permite o olhar para si, quanto mais olhar para o outro a cobrança é rigorosa, tanto externa como internamente. Tal cobrança vem desde a tenra idade, o falar cedo, andar cedo, as comparações com as outras crianças é inevitável, é sempre pra ser melhor, e, ao chegar aos bancos escolares, as comparações e cobranças aumentam, e de todos os lados, a família, a escola, a sociedade e a própria pessoa, precisa estar entre os melhores da classe.

Entenda-se “melhor” como quem consegue gravar mais conteúdos e reproduzi-los com êxito, e o êxito está relacionado com notas altas, nesse sentido ainda é oportuno refletir se esse conceito de sucesso por saber reproduzir como se exige reflete apreensão de conhecimentos. Os que não conseguem acompanhar acabam por ficar pelo caminho e muitas vezes são deixados de lado, se tornam invisíveis em sala de aula e ainda ouvem que são preguiçosos e não tem jeito de aprender e por fim acreditam nas falas daqueles que deveriam ser os motivadores da busca pelo conhecimento, seus professores.

Em face disto, percebe-se uma elevação do intelecto, uma preocupação com resultados, gravar conteúdos, tirar boas notas e ter um bom emprego. Não é dizer que os conteúdos não são importantes, pois o são, mas é ignorar que o educando não é só intelecto, mas também emoção. Dessa forma quando o professor passa a ver seu aluno como um ser completo, suas práticas também são transformadas, pois ele busca formas de fazer uma transposição didática mais criativa, a ludicidade tem sido eficiente na compreensão dos conteúdos para os educandos de todas as idades e em todas as modalidades quando aplicado de forma adequada respeitando as especificidades de cada nível educacional.

Esse tema passou a ser de meu interesse, por conta das práticas de observações em escolas públicas, e perceber que a ludicidade é mais presente nas creches. No Ensino Fundamental, no entanto, não se faz necessário, pelo menos nas falas de alguns professores, por ser uma etapa que está mais focada na escrita. Nota-se no comportamento desses educadores, um equívoco em relação à ludicidade, em pensar que esta não proporciona aprendizagem e de ser restrita somente a brincadeira sem propósito.

Nessa pesquisa apresento reflexões a partir de bases teóricas, que mostram as contribuições da ludicidade e afetividade na formação docente e

consequentemente uma prática mais sensível e humana em todos os níveis de formação. Uma prática de aproximação, de construção de vínculos afetivos. A desconstrução da ideia de que o jogo e o brincar não são geradores de conhecimento, pelo contrário, os teóricos afirmam ser esta ferramenta tão importante para a criança quanto para o professor, no sentido de autoconhecimento, reconhecer o outro, compreender limites e possibilidades.

Com a pesquisa será possível compreender a relevância da ludicidade e da afetividade no processo de formação do futuro educador. Faz-se oportuno investigar como a educação sensível vem sendo compreendida pelos acadêmicos de pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal.

A pesquisa tem como base as concepções de autores como Jean Piaget, Henri Wallon, Lev Vigotsky, Paulo Freire, Rubem Alves, Tizuko Kishimoto entre outros sobre a importância do lúdico e do sensível no desenvolvimento da criança, a importância de uma formação sensível do futuro professor para uma prática humana e sensível, já que este será o responsável por interferir no desenvolvimento da criança através do processo ensino-aprendizagem.

A pesquisa traz uma contextualização da educação do sensível, uma educação que vai além dos conteúdos, está ligada a subjetividade do sujeito, ao relacionamento professor/aluno de forma que os dois se enxergam. Começa pelo olhar do professor para seu aluno, que não o vê como um depósito de conteúdos, mas como uma pessoa com capacidades e limitações e finalmente o seu educando o vê como uma pessoa tal qual ele é, não mais como um ser inalcançável, a consequência disso é aprendizagem e não digo somente para o aluno, mas para ambos. Como diz Guimarães Rosa (1994) “Mestre não é aquele que sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

Trago em seguida a importância de uma formação inicial sensível e humana. A educação se baseia em humanos que formam humanos, não somos robôs muito menos os alunos, o caminho percorrido na Universidade não é só de acúmulos de conhecimentos técnicos e científicos, pois não é só isso que compõem o perfil de um profissional educador, é importante que a sua formação perpassasse pelas militâncias, pelos problemas, pelos sucessos e insucessos, tais experiências compõem o ser social e lembrando que a academia não torna o professor completo, porque nunca o será, mas mais pronto a sentir e transformar-se. Nas palavras de Freire (2007, p 50)

“[...] o inacabamento do ser é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.”

## **Educação do Sensível**

Falar em educação sensível é ir para além dos conteúdos e das metodologias pedagógicas, é falar de uma educação dos sentidos, é compreender a completude do ser, é muito mais que a funcionalidade habitual do corpo, como ver, sentir, comer, ouvir, cheirar e pensar, é o saber fazer, o como fazer essas coisas que fazemos corriqueiramente e sentir prazer nelas. A educação sensível nos provoca a reflexão no sentido de compreender que sensibilidade e cognição são indissociáveis, pois a formação da personalidade humana é basicamente razão e emoção; a razão está relacionada com a inteligência, o cognitivo, a relação do ser com o externo; a emoção relaciona-se com a construção da própria pessoa, por isso dizer que razão e sensibilidade estão íntima e dialeticamente relacionadas, ambos movem os sujeitos nas suas construções do conhecimento, as emoções dão sentido às aprendizagens.

Como afirma Marina (ARANTES, 2003, p. 7):

Os sentimentos modificam o pensamento, a ação e o entorno; a ação modifica o pensamento, os sentimentos e o entorno; o entorno influi nos pensamentos, nos sentimentos e na ação; os pensamentos influem no sentimento, na ação e no entorno.

Por muito tempo e ainda em nossos dias, nos deparamos com concepções dualistas do sujeito, a escola divide a criança em duas metades: a cognitiva e a afetiva. Sendo a cognitiva a mais importante, com foco nos resultados, as provas Brasil, PINAIC, vestibulares da vida, que visa o acúmulo de informações na cabeça que logo serão esquecidos, não se preocupando com o indivíduo. Não é o caso de se dar mais importância a um em detrimento do outro, mas promover o equilíbrio com uma educação para a sensibilidade, humana, cativante, crítica e reflexiva.

Galvão, (2003, p. 71) destaca na fala de Wallon onde o mesmo afirma que o professor deve enxergar a criança em sua totalidade, motor, afetividade, inteligência e as relações que estabelece com o meio, ou seja, cabeça, corpo e emoção. Vygosky (1993) e Piaget (1974), compartilham da ideia de que emoção e razão estão intrinsecamente ligados.

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e

interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou outro sentido. De igual modo quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influencia inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra sua desnecessária e impotente. (VYGOTSKY, apud OLIVEIRA, 1993, p. 25)

Piaget (1974) destaca interrelação da cognição e afetividade, para ele os conhecimentos são construídos nessa interação.

O advento da representação, devido à função semiótica, é, com efeito, tão importante para o desenvolvimento da afetividade e das relações sociais quanto o é para o desenvolvimento da afetividade e das relações sociais quanto o é para o das funções cognitivas: o objeto afetivo sensório-motor não passa de um objeto de contato direto, que não se pode evocar durante as separações. Com a imagem mental, a memória de evocação, o jogo simbólico e a linguagem, o objeto afetivo está, pelo contrário, sempre presente e sempre atuante, até em sua ausência física e esse fato fundamental acarreta a formação de novos afetos sob a forma de simpatias e antipatias duradouras, no que concerne a outrem, e de consciência e valorização duradouras no que concerne ao eu. (PIAGET, apud SOUZA, 1974, p. 97).

A falta de afeto provoca o desinteresse, a apatia, conseqüentemente a aprendizagem fica comprometida. Dessa forma, a presença do professor é de absoluta importância, pois ele é quem faz a mediação entre o educando e o conhecimento, é ele quem prepara o ambiente para a recepção e permanência desse aluno em sala, seja a criança, o jovem ou o adulto. É o professor de forma sensível quem planeja suas atividades de forma que se respeite cada indivíduo. Assim, cultivam-se relacionamentos, estabelecem-se vínculos afetivos, ampliam-se os conhecimentos, desenvolve-se a criticidade e a sensibilidade de forma que se complementem e não se dividam.

Quando se fala em estabelecer vínculos afetivos, não se trata de vínculos de amizade, o que não impede de acontecer, mas quer dizer que a relação professor/aluno é baseado no respeito, no afeto e companheirismo, um bom relacionamento proporciona um bom rendimento no que diz respeito à segurança do aluno em expressar suas dúvidas, curiosidades, participação nas atividades propostas. Um professor sensível consegue motivar e se sentem mais motivados a ensinar e aprender. É importante frisar que o fato de o professor estabelecer vínculos afetivos com seus alunos, afete sua seriedade docente, mas significa uma maneira autêntica de selar o seu compromisso com os educandos numa prática humana, Freire (2007).

Uma educação do sensível tem o aluno como a razão do fazer docente, ou seja, o educador pensa, planeja para o seu educando, a sua práxis consubstancia quando ela incentiva e oportuniza aos seus educandos como agentes do processo, a construção de conhecimentos e relacionamentos pelo qual desenvolve a criticidade, a sensibilidade na sua formação humana de modo que o inteligível e o sensível se complementam.

### **Formação Lúdico Sensível**

Em tempos de correria, avanços tecnológicos, enxurradas de informações, sabem-se de muitas coisas, mas não profundamente, e, nesse mesmo caminho estão as relações humanas, extremamente superficiais, há ânsia do ter frente ao ser, em muitas ocasiões o ser humano se confundem com robôs, frios e rígidos. Com uma realidade tão difícil, uma pergunta é inevitável. Como formar um professor sensível, humano, que tenha um desenvolvimento pessoal crítico-reflexivo se esse mesmo sujeito está inserido e mergulhado nessa sociedade imediatista? Mas uma coisa é bastante urgente, a formação docente precisa contribuir para que os professores se desenvolvam e cresçam como seres humanos, que se comprometam com os alunos, a educação e a escola, que os façam refletir criticamente sobre a sua formação e a suas práticas, que compreendam como marcam a vida de um aluno positiva ou negativamente. Como nos conta Freire em seu relato.

O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavras, balançava a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu. (FREIRE, 2007, p. 43).

A ação de refletir sobre a sua formação permite ao professor vislumbrar que teoria e prática se correlacionam, não cai no discurso de que “a prática é muito diferente do que ensinam as universidades”, pois de outra forma acabaria engolido pelo sistema, mas, o refletir sobre a sua formação também é compreender que a formação inicial é “inicial”, o educador está em contínua formação, mais uma vez a ideia da incompletude de Freire.

A formação do profissional educador precisa proporcionar a estes experiências que lhes sejam capazes de fortalecer ou ainda despertar a imaginação, a criatividade, a sensibilidade, a capacidade de escuta e de diálogo, viver os assombros das descobertas, pois com isso surgem os “porquês” que segundo Alves (2018, p.85), o pensamento crítico se inicia nos olhos assombrados, pensar é saber fazer perguntas.

É preciso viver essa formação, sentir para ensinar a sentir, se encantar para encantar, brincar para brincar, refinar os sentidos, talvez pareça piegas, mas não devemos esquecer que se trata de uma construção/reconstrução do ser humano que formará outro ser humano. E que humano se quer formar? A resposta dessa pergunta começa na definição de que ser humano me constituí. Nessa constituição, o ver e o ouvir são extremamente importantes para os outros sentidos.

Alves (2018) diz que ver não é coisa natural e deve ser aprendida e que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. O ver implica primeiro o se perceber para perceber o outro, eu me vejo e depois te vejo, nada é mais tão simplista, mas o entorno se torna um assombro de possibilidades, se o é para o professor, imagina para o aluno. Drummond com um olhar diferente fez uma pedra virar poesia.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra. (ANDRADE, 2013, P.36)

Tão importante quanto o ver, é o escutar. Todos querem ser ouvidos, da criança ao adulto, o aprender escutar não está nos currículos, mas o professor precisa se dedicar em ouvir seus alunos, uma boa escuta faz a inteligência desabrochar.

Para Alves (2018), os professores além de se preocuparem em falar claro, deveriam da mesma sorte, se dedicarem em escutar claro, [...] “a escuta bonita é um bom colo para uma criança se assentar”. Freire (2007) diz ainda que: “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. Uma boa escuta gera uma fala democrática que respeita a formação integral do ser humano, aceita e respeita as diferenças. Freire afirma que:

Não é difícil perceber como há umas tantas qualidades que a escuta legítima demanda do seu sujeito. Qualidades que vão sendo construída na prática democrática de escutar. [...] Deve fazer parte da nossa formação discutir quais são estas qualidades indispensáveis, mesmo sabendo que elas precisam ser criadas por nós, em nossa prática, se nossa opção político-pedagógica é democrática ou progressista e somos coerentes com ela. É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria,

gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE 2007, p. 120)

Cabe reafirmar que todo o nosso entorno passa a ter significado quando primeiramente nos é apresentado como objeto sensível, um professor atento não fará a dissociação entre o inteligível e o sensível. Através da sensibilidade, o professor conseguirá mediar a relação aluno/objeto afetivamente. Nesse sentido Freire (2007) afirma que o querer bem é uma maneira autêntica de selar o compromisso com os educandos numa prática específica do ser humano e que não há separação entre a seriedade docente e a afetividade, mas, [...] “não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade.” Ou seja, a afetividade está relacionada com o respeito ao educando e não a uma parcialidade ou favoritismo, pois isso não é respeito.

Na sua formação o professor ainda tem uma ferramenta muito valiosa para a construção desse educador humanizado/humanizador, e para a construção do conhecimento de seus alunos, a ludicidade.

A ludicidade na formação do futuro educador permite o autoconhecimento, seus limites e possibilidades, para quando estiver atuando em sala de aula. Quanto mais o professor vivenciar o lúdico, mais crítico, criativo e reflexivo será, maior será o seu conhecimento e maior a chance de sucesso na sua prática pois permitirá um planejamento mais adequado. Kishimoto (2009):

O brincar é importante por duas razões: para a criança, o brincar é importante para a expressão de seus interesses e a comunicação com outros e, para o adulto, o brincar é importante para observar o objeto ou situação de interesse da criança e, posteriormente, planejar atividades que de fato representem situações que envolvem a criança. [...] O primeiro passo da educação é a descoberta do que a criança gosta, seus interesses, o que já sabe e o que gostaria de saber. O brincar é excelente recurso para observação dos interesses e ações da criança. Pelo brincar, a criança evidencia saberes e interesses, além de propiciar condições para aprendizagens incidentais.

O lúdico permite ao professor criar situações em sala de aula onde o aluno possa fazer indagações, e assim construir o seu conhecimento.

O desenvolvimento pessoal funda-se em um processo de auto descoberta, onde cada qual tende a tomar consciência do que sabe fazer e do que tem dificuldade, como pode potencializar aquilo que faz bem e conviver, ou diminuir, com afeitos daquilo que tem menos habilidades. O processo de comparação pode ser doloroso, porém é eficaz e, às vezes, inevitável. Porém, atividade lúdica pode compor este processo de comparação de forma agradável, divertida e em um clima de camaradagem. Quando a criança joga,

ela percebe suas possibilidades e a dos companheiros. (DHOME, 2003, p.124-125)

Vygotsky aponta ainda que as brincadeiras:

Cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando os seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel na brincadeira e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas pelo brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação e moralidade (VIGOTSKY, 1984, p.114).

Um curso que contemple uma formação lúdica dará base ao educador para que se compreenda o brincar como uma necessidade humana em qualquer facha etária e através da qual se assimila a dinâmica do viver em sociedade e que, portanto facilita o desenvolvimento pessoal, social e cultural (SANTOS; CRUZ, 1997, p. 12).

Uma formação lúdica fornece ainda aos educadores competências que somente as teorias não seriam suficientes, assim como somente a prática não teria sentido, pois a formação teórica nos permite perceber na prática o desenvolvimento e a aprendizagem de cada educando. Dessa forma compreende-se que a formação do educador também precisa ser de forma integral, razão/emoção, para compreender a formação integral do seu aluno. Há a necessidade de experimentar os sentimentos de alegria, medo e os desafios que as brincadeiras proporcionam, é preciso brincar para brincar.

O adulto que volta a brincar não se torna criança novamente, apenas ele convive, revive e resgata com prazer a alegria do brincar, por isso é importante o resgate desta ludicidade, a fim de que se possa transpor esta experiência para o campo da educação, isto é, a presença do lúdico (SANTOS; CRUZ, 1997, p.14).

O fato de o professor buscar na ludicidade meios que proporcionem aos seus alunos um aprendizado mais prazeroso não significa que abriu mão da seriedade e da disciplina, como bem vimos até aqui, o brincar é coisa séria, o brincar é ciência, é desafiador e requer do profissional da educação muito estudo e dedicação e sensibilidade, pois nas brincadeiras, se constroem relacionamentos saudáveis, estreitam laços, o professor ainda que sério, tem um semblante leve e amigável ao ensinar, e, como afirma Alves (2018), cara feia não combina com brinquedo.

Ao refletirmos sobre o professor sensível, a mente de sujeitos criativos e contextualizar um sentido mais amplo de educação dos sentidos, temos que considerar que o papel do brincar, dos jogos e da ação fraternal entre os diversos sujeitos e suas peculiaridades proporcionam o diferencial no ato educativo. O ato

educativo é o montante de ações, reflexões e novas ações no processo pedagógico, é ouvir e falar em tempos e espaços que a dialogicidade transforma e forma novas concepções de mundo, de humanidade e de sororidade entre povos.

Esse texto é o recorte de uma investigação mais ampla, em que buscou-se através de entrevistas semiestruturadas o diálogos com sujeitos que encontram-se em processo de formação inicial. O aspecto qualitativo da investigação perpassou pela busca de um referencial de aproximações com a ideia dos sentidos e do sensível na formação pedagógica do professor. Os estudos que permeiam a humanização da educação, em que conteúdos, metodologias, procedimentos e as relações entre professores e estudantes, constituem o processo educativo qualitativo e reflexivo, dando sentido a educação humanizadora.

A ludicidade transpõe de forma transversal o trabalho docente, seja na educação formal ou não-formal, mas que estabelece sentidos sensíveis, estéticos e contemplativo, fazendo assim com que o sujeito que está imerso no contexto educativo tenha uma formação ampla, caleidoscópica, no sentido das diferentes formas que se pode ver o mesmo objeto/mundo ao nosso redor.

Este texto objetivou apresentar um recorte da construção do referencial teórico que se articula com o estudo empírico, que explora e contextualiza o possível da educação humanizadora imbricada com a ludicidade enquanto ação pedagógica transversal no processo de ensino.

Considera-se que uma pesquisa para se concretizar, precisa abarcar o máximo de referenciais, teorias, informações e conhecimentos que aproximem o pesquisador do seu objeto e problema de pesquisa, nesse sentido, quando enfatizamos aqui Ruben Alves, Kishimoto, Freire dentre outros autores que nos levam a refletir sobre a formação humanizadora, sensível e com uma gama de ações criativas e envolvidas pelo prazer e amorosidade, possivelmente teremos um outro processo de formação.

### **Considerações Finais**

Diante do exposto, vimos que uma formação sensível e humana gera docentes preocupados com uma educação emancipadora, que possibilite o criar, o sentir, o construir conhecimentos significativos através do lúdico. Uma formação que te provoca pensar fora da caixa, certamente te provoca refletir sobre a prática. Uma formação sensível contribui para o desenvolvimento de professores inteiros que

enxerguem o educando de forma integral. Para a formação de um educando crítico/reflexivo, um professor de igual modo crítico/reflexivo.

O constituir-se professor é um contínuo de vivências, sejam aquelas que nos trouxeram até aqui, aquelas que compõem a resposta da pergunta “Porque escolhi cursar Pedagogia?” Juntamente com as vivências que adquirimos durante a formação, que nos atravessa, nos toca, nos derruba e nos levanta, causa-nos um misto de sentimentos, mas são os nossos sentimentos, os nossos sentidos e o nosso intelecto formando e transformando quem somos hoje, e que agora nos leva mais adiante, nos leva a um “ser” e a um “permanecer” professora e professor mais humanos.

### **Referências**

ALVES, Rubem. **A Educação dos Sentidos: Conversas Sobre a Aprendizagem e a Vida**. São Paulo, SP: Planeta do Brasil, 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Alguma Poesia**. Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras, 2013.

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2003.

DHOME, Vânia. **Atividade lúdica na educação: O Caminho de Tijolos Amarelos do Aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 36ª edição. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2007.

GALVÃO, Izabel. Expressividade e Emoções Segundo a perspectiva de Wallon. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Afetividade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2003. P. 71 – 88.

KISHIMOTO, Tizuko. Entrevista sobre **Brincar é Diferente de Aprender**. Portal do Professor: 27 abril 2009. Entrevista concedida ao Jornal do Professor. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=19&idCategoria=8>>.

Acesso em: 18 Jun. 2019.

OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina. Vygotsky e as Complexas Relações entre Cognição e Afeto. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Afetividade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2003. P. 13 – 34.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 20<sup>o</sup> edição. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2005.

SANTOS, S. M. P. dos; CRUZ, D. R. M da. O lúdico na formação do educador. In: SANTOS, S. M. P. dos (Org.). **O Lúdico na Formação do Educador**. Petrópolis, Vozes, 1997.

SOUZA, Maria Tereza Costa Coelho de. O desenvolvimento Afetivo Segundo Piaget. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Afetividade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo, Sp: Summus Editorial, 2003. P. 53 – 70.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.